

Rio Parnaíba... Um cadinho de mim e a história ambiental

GERCINAIR SILVÉRIO GANDARA

Pós-doutoranda CAPES/UFG

Desde a década de 1970, com o crescimento da preocupação com a questão ambiental, as relações entre sociedade e natureza passaram a preocupar um maior número de estudos na área de história. Sei que muitos historiadores têm se dedicado intensamente ao tema, fundando mesmo um novo campo de conhecimento ao qual denominaram História Ambiental. Sei, também, que este campo resultou dos esforços de diversos historiadores em sistematizar e estabelecer métodos de pesquisa e análise como um espaço constituído pela história, numa perspectiva de interdependência entre o homem e seu meio. Historiadores norte-americanos nas décadas de 1960 e 1970 se preocuparam com essa perspectiva de abordagem historiográfica assim como franceses, a exemplo de Marc Bloch e Lucien Febvre, Fernand Braudel, Emmanuel Le Roy Ladurie e, brasileiros como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Aziz Ab'Saber, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna entre outros. Sei, ainda, que reflexões de expoentes da filosofia francesa do século XX, como as de Cornelius Castoriadis, influenciaram de forma significativa a História Ambiental. Assim pensado, algumas idéias me vieram a mente ao refletir sobre qual seria minha contribuição para os debates sobre história ambiental.

Foi, portanto, nos últimos anos do século XX e início do XXI que o interesse pela história ambiental começou a ganhar fôlego entre os pesquisadores brasileiros. Pode-se dizer que neste período o campo da história ambiental pareceu ter se instalado entre os objetos de interesse. Assim sendo, entendo que lidar com temas e/ou áreas relativas a este tema será fundamental para me assegurar o conhecimento, o pertencimento à área e a estudiosos que se dedicam a esta questão, com suas diferenças, proximidades e, também, divergências. Agora, me sentindo compreendida, me sentindo conteúdo da “natureza” oportunizada pelas produções já existentes, tentarei sistematizar um

diálogo tendo o rio Parnaíba como objeto,¹ pois como sugeriu José Augusto Drummond para um possível grupo de historiadores ambientais o objetivo seria identificar, “em escala regional e local, que tipos de sociedades se formaram em torno de diversos recursos naturais, que permanência tiveram essas sociedades e que tipo de conseqüências elas criaram para os seus ambientes sustentarem outros tipos de sociedade”. (DRUMMOND, 1991, p.35)

Gilmar Arruda e Haruf Salmen Spindola² dizem que Stephen Mosley em artigo publicado no *Journal of Social History* ressaltou que os historiadores sociais com suas ênfases estão muito bem localizados para ajudar a ampliar e aprofundar o entendimento das complexas causas e conseqüências das mudanças ambientais. Concluem que para Mosley, “o grande desafio para a nova geração de historiadores sociais... é procurar um campo comum entre a história social e ambiental”. Compreendo que a história ambiental leva em conta muitas questões, contudo, um dos seus eixos, talvez o principal, enquanto campo de pesquisa, trata da forma como as pessoas, as sociedades humanas (comunidades) relacionaram-se/relacionam-se com os rios. Trata-se, então, da história das relações humanas com o elementos da natureza com seus limites e perspectivas, como indicou Worster na década de 1980, “a história ambiental trata do papel e do lugar da natureza na vida humana”. (WORSTER,1991, p.201)

Partindo desse pressuposto, intento aqui apresentar o estudo das representações e apropriações do rio Parnaíba na configuração da região do vale parnaibano como objeto da História Ambiental, pois, como diz Drummond ao traçar as características metodológicas e analíticas da história ambiental, “quase todas as análises focalizam um região com alguma homogeneidade ou identidade natural: um território árido, o vale de um rio... [...] ...que via de regra prospera melhor em cenários fisicamente circunscritos” (DRUMMOND,1991, p.09). O francês Lucien Febvre, em seu estudo sobre as bordas dos grandes rios e as margens fluviais, questionou: “não é verdade que atraíram numerosas e desenvolvidas colônias humanas, tendo mesmo, por vezes, provocado [...] o nascimento de uma humanidade quase anfíbia?” (FEBVRE, 1991, p.190). Enfim, o objetivo principal será criar condições para o estabelecimento de um diálogo entre a história dos rios e a história ambiental, crendo que esta muito tem a contribuir com os discussões historiográficas dando sentido ao ato de pensarmos, estudarmos e agirmos sobre esta área/disciplina que considera a natureza um agente na história da humanidade. Afinal, o mote da história

ambiental não é de que a natureza, - em nosso caso o rio Parnaíba - tem um papel ativo na vida humana, como entendeu Diogo Carvalho Cabral (2007).

Sei que os rios são construtores de “mundos sociais” e aglutinam em torno de si uma boa quantidade de representações como “lugar de significação” que são. Servem de baliza ou marco quase míticos para estratégias sócio-culturais. Eles significam muito mais do que acidentes geográficos traçados nos mapas. Os rios não são simples suporte físico. É paisagem, lugar onde as pessoas se abrem aos mistérios da natureza, ao patrimônio simbólico, possibilitando a interpretação como terreno da criação cultural, passagem de forças e encontro dos indivíduos. Assim, a categoria rio representa um sistema, indicador da situação espacial, concebido com base nas relações entre natureza e pessoas.

Há todo um sistema de ações, concreto e visível, na constituição do espaço do vale parnaibano, assim como há atividades igualmente distintas. Contemplar o rio Parnaíba e suas margens, acompanhar a grande estrada líquida, comungando os benefícios de uma natureza generosa, que resplandece na imagem consagrada da região, carece de uma conscientização histórica que permita interpretar, em toda plenitude de seu sentido, os traços físicos, as paisagens, os aspectos urbanos, as fisionomias individuais, através dos quais se exprime a vida das coisas e dos homens. Enfim, apreender aquela variedade que se convencionou chamar de vida material, os “homens e as coisas, as coisas e os homens”, conforme Fernand Braudel (1978, p.32). Não basta sublinhar a importância do rio no curso dos séculos, seja econômico, cultural ou social, ou lembrar os contatos que se entrecruzaram em suas margens. É preciso sensibilidade particular para evidenciar os laços entre passado e presente, as relações sociais, políticas, econômicas, enfim históricas, mas acima de tudo, sensibilidade para tratar de paisagens, sejam naturais ou humanas. É preciso, então, decifrar seu traçado, sua paisagem geográfica para servir à história.

Para Lucien Febvre, o rio com suas imagens, suas histórias, onde e como aparece nos documentos, trata-se de uma construção humana. Em *O Reno*, diz que no exato momento em que se pronuncia esse breve nome o homem de hoje sente brotar em si mesmo uma imagem. E enfatiza: “sobre a página em branco de sua memória perfila-se, com uma nitidez singular, o traçado de uma grande rio histórico...” (FEBVRE, 2000, p.71). Penso eu que nas imagens brotadas do rio Parnaíba estão reproduzidas, ampliadas e colorizadas, imagens de diversos momentos históricos. Tais imagens iconográficas e/ou cartográ-

ficas, produzidas por “pioneiros”, “desbravadores”, “políticos”, “viajantes”, “estudiosos”, dentre outros, contemplam determinadas narrativas, as quais aparecem como documentos/informações. Acredito que nestes documentos está descrita uma forma de interpretação do processo de incorporação à “modernidade”, ou seja, a uma “reorganização capitalista da natureza” como diz Gilmar Arruda em “Idéias para uma história ambiental das pequenas cidades do século XX”.³

De fato, evidenciamos em nossos estudos de doutoramento que a partir das imagens - desenhos, cartas, mapas, fotos etc. -, pode-se encontrar estampada a transformação da paisagem parnaibana que fez surgir - na segunda metade do século XIX e primeira do XX - centenas de pequenas cidades provocadas pela mudança das formas de apropriação da natureza. Foram também em documentos que igualmente percebemos a incorporação da mata parnaibana transformada em materiais na construção do urbano. Em um detalhe da imagem pude ver a mata, como uma muralha, e, no centro, casas construídas, esteadas com madeiramento e ripamento de tronco de carnaúba cerradas e/ou cobertas com suas palhas. Nesse pequeno recorte, pude ver as etapas de transformação da natureza em produto/mercadoria. Hoje, quando nos aproximamos do limite da resistência do ambiente terrestre adequado à vida humana, as imagens passam a ser vistas como documentos do processo de devastação. A História Ambiental requer que utilizemos documentos como os mencionados, mas, também, a ampliação das abordagens conceituais e temáticas. Como apontou Gilmar Arruda (2005), a representação ou o simbólico é um vasto campo no qual estão diversas análises e, dentre elas, a memória, as imagens, as narrativas historiográficas, etc. Diz Arruda que aí também encontramos os discursos sobre a produtividade, a exuberância ou o acanhamento da natureza, sendo que a História Ambiental “os investigaria tentando encontrar os campos de força que podem explicar as relações concretas com o natural, como foram produzidas, por quem, por quais motivos e quais foram as formas de circulação e apropriação “. (ARRUDA, 2005, p. 42-50)

No estado do Piauí,⁴ as condições naturais e geográficas tiveram especial significado na composição do seu espaço e, conseqüentemente, na formação de sua história. O Estado fica quase totalmente incluído no vale do rio Parnaíba. Sua hidrografia está representada basicamente pela Bacia do Parnaíba que, conforme Bastos, “constitui-se na 4ª maior bacia hidrográfica brasileira isolada, atrás apenas das do Amazonas, Paraná e São Francisco” (BASTOS,

1994, p.425). O curso do rio Parnaíba possui uma extensão de 1485 km, aproximadamente, seguindo a direção geral Sul-Norte. Ele é quase sempre sinuoso, com trechos retilíneos curtos e relativamente raros. Nasce nos contrafortes da Chapada das Mangabeiras, fronteira do Piauí com Tocantins, numa altitude de 709 metros e assinala o começo da divisa entre o Piauí e o Maranhão, divisa, essa, inteiramente constituída pelo rio.

Como se vê, o rio Parnaíba é o traço mais expressivo da paisagem parnaibana. É a dádiva em que num mergulho do olhar, sonda-se a profundidade de sua própria natureza. Reafirmo, portanto, que pensar o rio Parnaíba é compreender uma paisagem de “encontros com a vida”, com nós mesmos e com a natureza no mais profundo de sua conceituação.

O rio Parnaíba, imponente, grandioso, constituiu-se numa fronteira natural. Como guardador de duas províncias, Piauí e Maranhão, e tendo as chaves de seus haveres, o seu aspecto pareceu-nos severo e altivo. De fato, como o rio Parnaíba tem a função natural de linha de demarcação, por esta razão é um rio confinante, um rio fronteiro. Particularidade que pode ser apreciada no lugar, mas também é representada por inúmeros estudiosos e de diversas maneiras. Entre eles, Spix e Martius que dizem “forma a fronteira entre as províncias do Piauí e Maranhão...” (SPIX & MARTIUS, 1976, p.229), Caio Prado Jr., “o rio Parnahyba que separa os dois estados, Maranhão e Piauí...” (PRADO JR., 2000, p.248). Barbosa, “...dois estados por ele separados geograficamente” (BARBOSA, 1986, p.105). Para Adolfo Martins Moraes, o que o caracteriza como rio de unidade é o fato de funcionar como fronteira natural entre os estados do Piauí e Maranhão: “... o canal funciona como fronteira natural entre os Estados do Piauí e Maranhão, pelo oeste piauiense, o que o caracteriza como um rio da União...” (MORAES, 1974, p. 09). Contudo, sabe-se que a imagem de um rio há muito é tida como um limite mais estável do que uma linha representada num mapa, como é o caso do rio Reno, de Lucien Febvre, fronteira “natural” entre França e Alemanha. Como o próprio Febvre adverte, “deixemos à astúcia de uns, à ingenuidade de outros, a ‘fronteira natural’: não há senão fronteiras humanas. [...] Elas lhes pertence por direito de invenção” (FEBVRE, 2000, p.66).

Sei, também, que foi o rio Parnaíba quem propiciou a povoação em suas beiras. Ele foi/é via regional que transporta(va) mercadorias, pessoas e, conseqüentemente, suas representações. Os vapores deslizando em seu dorso representavam desenvolvimento, meio precursor e animador, no sentido

de levar a província à prosperidade. Eram tidos como suporte material com função de ligar, unir espaços e gentes. Enfim, foi ele quem comandou/comanda a vida daquelas plagas (Piauí). Daí entender a história do rio Parnaíba como espaço social e ambiental é/foi preciso, antes de tudo, desvendar seus mistérios. Obrigou/obriga-nos entender a transformação socioespacial do Piauí e navegar pelos longos percursos da bacia parnaibana e pela opulência de sua flora, fauna e água, pois como nos ensina Leandro Tocantins, “o rio comanda a vida” (TOCANTINS, 2000, p. 57). Assim pensando, ousou dizer, como Lucien Febvre, que o rio Parnaíba também tem história. Há um mundo de atividades que explicam a íntima ligação do indivíduo e o rio ao longo de toda a história.⁵ Assim sendo, parto do pressuposto daquele historiador que afirma “os rios também têm história”.

Como acidente geográfico, o rio Parnaíba é definido e identificável; assim sendo, seus contornos, o rio, a bacia, o vale, a região que o emoldura, constituem uma fração estruturada no sentido que conceitua Castro, “é dinâmica, historicamente construída e interage com o todo social e territorial” (CASTRO, 1992, p. 33). Entendo como Fernand Braudel, que “não podemos ignorar sua geograficidade, nem mesmo sua construção no documento histórico”. (BRAUDEL, 1983, p. 21). É preciso, ainda, considerar que a geograficidade vai além das condições naturais, uma vez que a natureza faz parte da materialidade que constitui o espaço geográfico. É, pois, preciso recuperar a dimensão material, ou seja, a geograficidade da paisagem parnaibana, sobretudo, num momento em que se dá cada vez mais importância à dimensão ambiental. Deve-se, então, aqui, retomar a idéia, já várias vezes invocada, que o espaço geográfico é *locus* de co-existência do diverso, natureza e cultura ao mesmo tempo, lugar dessa contigüidade característica que é o espaço nosso de cada dia.

Já a paisagem geográfica parnaibana é um campo de significação socio-cultural e, nos seus simulacros, pulsam, mesmo que debilmente, as contradições do imaginário que atribui à sua plasticidade o sentido de sua historicidade. Destarte, o espaço-rio Parnaíba representa mensagem, mistério, paisagem. Suas águas têm vida, corpo, voz, alma, como diz Bachelard, (2002). É como o testemunho de um momento, um campo de representações simbólicas. Parafraseando Isnard “... rico em simbolismos que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital de toda a sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura”. (ISNARD, 1982, p.71).

Para Moraes, “o rio Parnaíba é uma das principais referências do Piauí. [...] Ao longo das duas margens fervilham significativas atividades econômicas”. (MORAES, 2000, p.07). “Corredor de exportações. Essa é uma função natural do rio... transportando riquezas nos dois sentidos de navegação. Fornecedor de água. A população ribeirinha usa o rio como fonte de abastecimento de água. Fornecedor de água para a indústria. Supridor de água para projetos de irrigação. Suporte para o turismo” (Idem, *ibidem*). Delega tarefas e funções ao Rio Parnaíba, “... cabe ao rio desempenhar seu nobre papel de fornecedor de insumos e concretizador de possibilidades. [...] cabe ao rio impulsionar parte substancial do desenvolvimento econômico e social do Estado”. E justifica que tais tarefas/funções se dão “quando a fonte é um curso d’água, caso específico do rio Parnaíba...” (Idem, *ibidem*, p. 29 -30)

Em todo seu percurso, o rio Parnaíba apresenta paisagem física de grande beleza. Seu curso descreve curvas suaves, às vezes sinuosidades, quase meandros. Desde suas nascentes é profundo e se não é navegável em toda sua extensão é sem conseqüências maiores, por causa das inúmeras cachoeiras do seu curso superior e aos bancos de areia do médio e inferior. É um rio cheio de curvas; aliás, a sinuosidade é sua característica notável, pois é próprio de todo seu curso. As retas descritas pelo rio são poucas e, quando há, são curtas. Suas margens são predominantemente verdes, com abundante vegetação, formando verdadeira mata. Morros e serras, próximas ou distantes das margens, de desenhos caprichosos e soberbos, vão perderem-se na mata verde e compõem um quadro natural deslumbrante. Na estação das chuvas, ao receber grande volume de água dos seus vários afluentes, torna-se caudaloso, rápido, violento, de águas barrentas. Desce destruindo, derrubando ribanceiras, inundando e invadindo as terras baixas. Estas águas, no verão, dão impressão de vasta lâmina de espelho, deslizando sobre seu leito, manso e sereno, formando praias e mantendo a vida, bem como a sobrevivência das populações ribeirinhas, pela presença dadivosa e vivificante da água. A vegetação que compõe a paisagem do vale parnaibano é representada e registrada por diversos estudiosos, poetas, romancistas, observadores e/ou admiradores. Há muito, os inspiram a paisagem composta por palmeirais como as de carnaúba, buriti e babaçu que ornaram todo o curso do rio Parnaíba. A título de exemplo, temos os desenhos e relatos de viajantes como Spix e Martius (1976). Também foram descritos por engenheiros, historiadores e romancistas como Gustavo Dodt, Renato Castelo Branco, Alvina Gameiro e Humberto Guimarães e por poetas como

Pádua Santos, entre outros.

Com toda sua peculiaridade paisagística, o rio Parnaíba, após percorrer suas milhares de centenas de quilômetros separando os Estados do Piauí e do Maranhão, deságua no oceano Atlântico. Em verdade, antes de desembocar no oceano Atlântico, no norte do Piauí com o Maranhão, o rio Parnaíba forma um amplo e recortado delta. Juntos, o rio e o delta do Parnaíba, vigoram como modelo de representação e interpretação do mundo circundante de suas margens, explicitam sua lógica utilitarista e dominante das relações humanas. Daí a importância que este curso d'água apresenta à compreensão dos fatos históricos e ambientais. Ele foi por nós descrito na individualidade de seu curso com suas voltas, feições e sentimentos, sinuosidades, e velocidades. Aliás, vale dizer, as voltas do rio são caprichosíssimas. Abandonando seu leito de pedras, correndo em vale arenoso, mostrou-nos uma dinâmica de rio em formação, que vai se alargando, criando obstáculos a si próprios, rompendo barreiras para definir novos limites e novo leito vai se entregar num grande abraço às águas salgadas do mar. De fato, os rios são mesmo estradas que andam para tocar o mar.

A paisagem pitoresca das margens varia de matas tropicais, restingas até dunas, manguezais e praias. Além de uma vegetação exuberante, repleta de cajueiros e florestas de manguezais, possui praias semi-selvagens, igarapés salgados, dunas e lagoas de águas doces e cristalinas formadas pelas chuvas. Tem sua beleza complementada por outros habitantes e outras vozes. Hesse questiona, “o rio tem muitas vozes, um sem número de vozes: não é meu amigo? Não te parece que ele tem a voz de um rei e as de um guerreiro, a voz de um touro a e de ave noturna, a voz de uma parturiente e de um homem que suspira, e inúmeras outras ainda?” (HESSE, 1985, p. 116). Dessas vozes nos dão notícias os viajantes Spix e Martius quando recordam “Araras azuis... e o grande Anu...”. (SPIX E MARTIUS, 1976, p. 17). Também Alfredo Durães se referiu a essas vozes dizendo, “... no Parnaíba o visitante tem à disposição dos olhos e das emoções mais de 140 espécies de aves, além de jacarés-do-papo-amarelo, camaleões, tatus, raposas e guaxinins, entre outros animais, principalmente em sua área de floresta tropical”. (DURÃES, 2004, p.02) E Alvina Gameiro, ao descrever o Parnaíba em tempos de chuvas, nos deu conta tanto desses outros habitantes e outras vozes, “... canela-de-ema e o agreste... os cajueiros ... João -de-barro cantou ... depois o grito agudo da araponga elevou-se... (GAMEIRO, 1957, p. 122). E, também Lili Peri (1887-

1941), poeta popular, cantou em forma de poesia a localização do rio Parnaíba com seus outros habitantes e outras vozes: “No Piauí, o rio Parnaíba/Onde a flor d’água a ipequapara deixo/E no fundo escuro dorme o Piraíba/Da verde canarana um pouco anexo/Entre o pau-d’agua em flor vê-se o ciriba/Canta a gaivota e além geme a guariba/Talvez sentindo a dor, da qual me queixo”. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1924, p.35) E numa estrofe, tomando por empréstimo a expressão do poeta Da Costa e Silva, lamenta o seu término quando navega em suas águas. “Velho monge’ deixando seu convento/Busca o mar, sem saber que mal deplora/Como pode entender o meu tormento?/Talvez que até sentisse minhas mágoas/Se ele chorasse as lágrimas que choro/Quando vou navegando em suas águas. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1924, p. 35)⁶.

Sei contudo, que nem só de esforço épico vivem/vive o rio Parnaíba. Vive também as vozes de derrota e de gesta, de partida dolorosa para lá do mar e de regresso do largo para depois sentir a exigüidade da terra. Também vive do lamento vindo da raiz piauiense mais profunda. Há aquelas vozes de aviso e outras de superação que se levantam. Eis, portanto, um rio dotado de grandes sensações, que além das vozes humanas que lhe emprestaram os poetas, há aquelas, às quais buscamos. Há ressonâncias das gentes e do rio que se repetiam/repetem nas poesias. O Parnaíba se torna assim, um rio, ao mesmo tempo, amador e coisa amada, é a silhueta na mata e a lembrança aventurosa do tempo que foi. Mas quem talvez tenha feito a melhor identificação entre a apaixonada vista e a realidade da vida tenha sido Moraes (2000) que além de evidenciar sua beleza e importância também lhe acentuou os “defeitos” que também, não ficaram alheios aos viajantes Spix e Martius que disseram “o Parnaíba... Embora contaminado fortemente por matérias terrosas e pútridas, fornece, entretanto, a única água potável aos moradores, que, por esse motivo, são sujeitos a constantes febres intermitentes” (SPIX E MARTIUS, 1976, p.229). Pelo mesmo motivo é chamado por Guimarães de “rio malarioso de ponta a ponta”. (GUIMARÃES, 2001, p.153). E, complementa esse quadro denominando -o “rio dos famosos pernilongos”. E explica: “no rio de-cor-de-barro vê-se os pernilongos saírem e já voando de dentro d’água”. (GUIMARÃES, 2001, p.155). Há outras tantas vozes que pedem socorro. Elas são dadas por órgãos oficiais, políticos, estudiosos e também por amantes do rio. Entre outros, Elias Sales/Lilian dos Anjos/Sileli Rocha no artigo intitulado “Velho monge” pede socorro! enfatiza que “o maior rio genuinamente

nordestino morrerá em alguns anos, se nada for feito” .⁷

Percebemos, em nossas visitas *in loco*, que o rio Parnaíba era/é carregado e triste na sua corrente rápida, como que angustiado pelos agudos e escarpados rochedos que o comprimiam e volvia suas águas turvas. As terras que enquadraram/enquadram aquelas águas parnaibanas conservaram/conservam a sua majestade. São, por isso, particularmente impressionantes. Mas, na realidade, percebemos que os problemas do rio Parnaíba eram/são graves e foram/são propalados nos discursos donde se extrai a fragilização do leito. Eram os discursos sobre a eficácia de navegabilidade que traziam os ecos de ruína. As decantadas condições de navegabilidade do rio Parnaíba foram motivos de pronunciamento de um grande número de autoridades, embora estas fossem constantemente alertadas para as emergências dos problemas do rio por meio de extensos e/ou minuciosos relatórios em que apresentavam o estado do rio e sugeria melhoramentos. A regularização de seu curso era proposta por estudiosos para crescer o fluxo e melhorar o rio. Os problemas de franca navegabilidade do rio Parnaíba, conforme Relatório de 1874 da Companhia de Navegação, mereceram “por longo tempo a particular atenção dos poderes públicos e muitos trabalhos foram realizados nesse sentido”. Como se vê, a engenharia forneceria o instrumental para se lidar com os desafios que a natureza apresentava e para colocar a Província num patamar essencial para se atingir os níveis de progresso e desenvolvimento desejados. Foi nesse empenho que a navegação a vapor potencializaria e concentraria em si toda a carga de expectativas em torno da via de comunicação fluvial, projetando ainda um universo de méritos e realizações que, em última instância, colocaria o Piauí, na ordem econômica como referência nacional. Mas não houve conservação dos canais abertos nas cachoeiras, não se cuidou da conservação das margens, dificultando, portanto, os meios de navegação. Tampouco se efetivou a construção do pleiteado porto. Embora o engenheiro Gustavo Dodt tivesse alertado para os desmatamentos da beira-rio só apareceram nas preocupações oficiais com a Lei n°. 259 de 25.07.1900, na qual o governo do Estado “proíbe o corte de árvore à margem direita do rio Parnaíba, até a distância de 40 metros do mesmo rio” e também na Lei n°.480 de 08.07.1908, que “proíbe a qualquer pessoa, mesmo em terras que lhe pertença, fazer roçados, queimar matos ou cortar árvores nas margens dos rios e mananciais do Estado”.

Evidenciamos que o rio Parnaíba apresentou condições de navegabilidade, mas exigia investimentos contínuos devidos os obstáculos naturais e

os decorrentes das intempéries da natureza e da ação dos beiradeiros em seu leito e margens. Contudo, mesmo sem terem aprofundado naquilo que os problemas exigiam e poderiam motivar, implantaram uma navegação a vapor⁸ que quiseram ser rigorosa, mas resultou insatisfatória. Os obstáculos naturais não impediram o estabelecimento de uma navegação a vapor, mas sem solução de continuidade desde seu nascedouro, em razão da ausência de serviços adequados de desobstrução e limpeza do rio, principalmente após o período das chuvas. Soma-se a este estado de coisas o desmatamento das margens para a agricultura e produção de lenha destinada às caldeiras das embarcações.

De fato, as condições de navegabilidade do rio Parnaíba tornaram-se precárias, pois o rio não recebia qualquer assistência, agravando-se o assoreamento. Suas margens sofriam desmatamento, proporcionando o alargamento do leito e diminuindo, em conseqüência, a profundidade. Nesse sentido, lamentou Barbosa: “infelizmente, em face das condições negativas do rio, que não mais recebera assistência, o desgaste do material flutuante era crescido” (BARBOSA, 1978, p. 101). Também Castelo Branco alerta: “... o Parnaíba aí permanece à espera, secularmente à espera, da iniciativa construtiva que lhe beneficie o curso e abra as portas do oceano, transformando-o na rota comercial de seu rico e inexplorado vale” (CASTELO BRANCO, 1987, p. 101). “O rio Parnaíba, ontem, caudaloso rio navegável..., perdeu a sua hegemonia na movimentação das riquezas do estado pelo assoreamento do seu talvegue, retido por obstáculos” (Idem, *ibidem*, p. 74). Já o médico Carlos Eugênio Porto, na chefia do Serviço Nacional de Malária, esteve no Estado durante a década de 40 do século XX e em seu documentário intitulado “Roteiro do Piauí” declarou que “o Parnaíba tem perdido muito das suas antigas e excelentes condições de navegabilidade. [...] A causa principal disso é o criminoso desflorestamento de suas margens que as autoridades não reprimem”. (PORTO, 1955, p.88-89) Em uma matéria publicada no Almanaque da Parnaíba intitulada “O Rio Parnaíba – Grandeza e Decadência”, depois de falar de toda a grandeza do rio, enfatiza que

as antigas e excelentes condições de navegabilidade de que nos falam tantas ilustres, competentes e abalizadas autoridades são coisa de um triste e desafortunado passado. Hoje se constitui em uma verdadeira aventura, uma temeridade, alguém se arrojar a ter uma embarcação trafegando no rio. (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1969, p.365).

E o rio Parnaíba, em seu sentido sensível, continua a medir o espaço que se estende entre a terra e o céu. Sob seu comando, na extensão sem limites do vale parnaibano, entre os rancos das corredeiras e o silêncio que desce profundo, sua respiração é estancada, como num silêncio descomunal. Ele é, talvez, o mais puro e nordestino dos rios brasileiros, pois ali da Chapada das Mangabeiras, seu nascedouro, desce banhando as terras piauienses e maranhenses como miragem nas distâncias, banha e/ou leva pequeninas folhas, grandes arbustos, areia e pedras sempre em dianteira esquiva e (in)atingível até o Oceano. Suas águas brotadas em terras nordestinas correm pelo centro dos dois estados – Piauí e Maranhão – acariciando -lhes a face e oferecendo-lhes o dorso. Nenhum outro rio desta terra que abençoa termina no oceano, destino dos gloriosos. Mas queres o rio dizer? Sim. Quero, eu, o rio, falar aos que tem ouvidos de me ouvir... Caminhe comigo sem pedras, paus, areias e sem cruces e transmita aos filhos desta região-mãe, minha, sua e/ou nossa, o meu triste lamento sacrificado em meu próprio corpo/leito. Veja o meu berço, os fundões e as correntezas, os barrancos que oram estrangulam-me o curso, ora se abrem em valas, ou seja, amplidões levando meu canal a uma sofreguidão sem fim. Olhe os lagos que saem de mim. Mostre-me às pessoas que deslizam meu dorso em seus barcos no descer das minhas águas quase em pranto. Observe minhas “praias”, as minhas enchentes sombrias e ameaçadoras, derrubando barrancos, arrancando árvores que passam a viajar comigo, enquanto o céu em temporal e os animais e as pessoas amedrontados me amaldiçoam. Contudo, lembrem-se de meus filhos nativos que se banham em minhas águas, arpoando peixes e ferindo animais com seus enfeites feitos de plumagens, de miçangas/sementes e cipós... lembrem-se das viagens e paragens dos que trouxeram cruces e mistérios distantes de nossas verdades. Prestem a devida homenagem aos que procuraram desvendar-me. Antes de tudo, louvem aqueles de inato amor ou que aproveitando seus conhecimentos pedem socorro por mim! Por favor, acusem a todos aqueles que se servem de mim, das minhas águas e do meu entorno, ferindo com marcas profundas que sequer cicatrizam. Não esqueçam dos visionários da fortuna que no duro trabalho criaram cidades a minha beira e que hoje me viram as costas e nem preciso dizer o quanto soffro.

Poderíamos aqui juntos evocar centenas de outras solidariedades espaciais, bem como outras soluções ambientais. Mas deixarei apenas manifestas

alguns/algumas que dotam de certas especificidades e por feixes de relações o espaço beira-rio Parnaíba. Ocorre que suas beiras suscitaram as práticas sociais mais contrastantes, donde os valores da paisagem e do rio são reconhecidos. Os valores permaneceram latentes na força e na presença do rio, correndo e às vezes transbordando sobre as duas margens. A atitude, talvez, pouco elegante dos beiradeiros teve, porém, um resultado que evidenciamos ser lógico nesse contexto.

Considero que, para ter sua identidade, há que se reconhecer aquilo que é seu e, posteriormente, preservar o patrimônio cultural que muitas vezes passa despercebido, apesar de sua exposição constante, quando se trata de patrimônio físico, como é o caso do rio Parnaíba. Resta, assim, romper este cerco, quebrar as correntes que prendem a esse espaço-tempo e transpor as barreiras que impedem uma sensibilização do beiradeiro para a necessidade de preservar. E seria eficaz se se concretizasse durante a infância daqueles indivíduos que carregarão consigo a consciência do bem patrimonial (cultural) de seu lugar de origem ou vivência para uma continuação da vida/viagem do nosso personagem, o histórico rio Parnaíba.

NOTAS

¹ Os resultados aqui apresentados são parte da pesquisa que perfaz a tese de doutorado intitulada *Rio Parnaíba... Cidades-Beira*. (1850-1950) defendida por em 2008/UnB. Orientada pela Professora. Dra. Vanessa M. Brasil.

² ARRUDA, Gilmar e SPINDOLA, Haruf Salmen. Apresentação. In: *História, natureza e território*. P Disponível em: <http://www.editoraunivale.br> Adicionado em 07.09.2009. p.02

³ Disponível em: http://www.uel.br/prograd/maquinacoes/art_7.html.

⁴ O estado do Piauí localiza-se geograficamente na região nordeste do Brasil, precisamente, entre os paralelos 2° 44' 49" e 10° 55' 05" sul e entre os meridianos 40° 22' 12" e 45° 55' 42" oeste de Greenwich. Juntamente com o Estado do Maranhão compõe o chamado Meio-Norte do Brasil também chamado Nordeste Ocidental. Limita-se ao norte com o Oceano Atlântico; ao sul e sudeste com o Estado da Bahia; a Sudoeste com o Tocantins; ao leste com o Ceará, Pernambuco e Bahia, e ao oeste com o Maranhão.

⁵ Ver GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades -Beira*. (1850-1950) Brasília: UnB, 2008. Tese Doutorado.

⁶ As poesias de Lili Peri podem ser lidas, também, em Antologia de Sonetos Piauienses (1972), Aspectos da Literatura Piauiense (1993) e em A poesia Parnaibana (2001).

⁷ Disponível em: <http://www.bancodonordeste.com.br/content/>.

⁸ Ver GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... Cidades -Beira*. (1850-1950) Brasília: UnB, 2008. Tese Doutorado.

BIBLIOGRAFIA

ALMANAQUE DA PARNAÍBA, "O Rio Parnaíba – Grandeza e Decadência" 1969.

ARQUIVO PÚBLICO DO PIAUÍ. Coleção de leis e regulamentos do Estado do Piauí. Terézina: Imprensa Oficial, 1908.

ARRUDA, Gilmar. *História Ambiental, a espacialidade e os Rios*. In Processos de territorialização entre a História e a Antropologia. Marlon Salomon et all (orgs) Goiânia: UCG, 2005.p.33-53

- ARRUDA, Gilmar e SPINDOLA, Haruf Salmen. Apresentação. In: *História, natureza e território*. Disponível em: <http://www.editoraunivale.br> Adicionado em 07.09.2009
- ARRUDA, Gilmar. *Idéias para uma história ambiental das pequenas cidades do século XX*. Universidade Estadual de Londrina / arruda@sercomtel.com.br http://www.uel.br/prograd/maquinacoes/art_7.html.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARBOSA, Edson Gayoso C. Branco. *O Parnaíba: contribuição a história de sua navegação*. Teresina: Projeto Petrônio Portella, 1986. 1ª Ed. Recife: 1978
- BASTOS, Cláudio de Albuquerque. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1994.
- BRASIL, Vanessa. Caminho de Águas históricas. In *RIO SEM HISTÓRIA? Leituras sobre o rio São Francisco*. Aracaju: FAPES, 2005.
- _____. Passagem, Travessia e Mistério. O rio São Francisco na Literatura Brasileira. In: *História em movimento: temas e Perguntas*. Coletânea. 2 ed. Revista Ampliada. Brasília: Thesaurus, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico no Época de Filipe II*. Vol I e II. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- _____. *A gramática das civilizações*. São Paulo: Campus, 1988.
- BRAUDEL, Fernand. *Dans Le Brésil Bahianais: Le Présent Explique le Passé*. In *Écrits sur l'histoire*. Paris: Flammarion, 1978.
- CAPRA, Fritjov. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CABRAL, Diodo Carvalho. *A bacia hidrográfica como unidade de análise em história ambiental*. Revista de História regional 12(1):133-162, verão, 2007.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e MALERBA, Jurandir Malerba (orgs.) *Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e BRIGNOLI, Héctor Pérez. A História Social. In: *Os Métodos da História*. Trad. João Maia. Rio de Janeiro; Graal, 1979.
- CARVALHO, E. B. de. *História ambiental: muitas dúvidas, poucas certezas e um desafio epistemológico*. Semana de Iniciação Científica, Campo Mourão, n. 2, pp. 165-181, 2001.
- CASTELO BRANCO, Renato. *O Rio Mágico*. São Paulo: EDICON, 1987.

CASTRO, Hebe. A História Social. In: *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Iná Elias de et all. (org.). *Geografia, conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1995.

CASTRO, Iná Elias de et all. (org.). *O Mito da Necessidade*. Discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: 1992.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto: os domínios do homem*. Tradução José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

CORRÊA, Dora Shellard. *História e meio ambiente*. Revista Unifeco. Osa sco, ano I, no 1, junho de 1999, p. 135-144.

CUNHA, Euclides da. *Os Serfões*. São Paulo: Brasiliense; Pub.Folha, 2000.

DEAN, Warren. *A Ferro e Fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Trad. São Paulo, Cia. Das Letras, 1996.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo, HUCITEC, 1996.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. In: *Estudos Históricos*, vol. 4, no. 8, p. 177-197. Rio de Janeiro, 1991.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental e o choque das civilizações. In *Ambiente e Sociedade*, Ano III, n.5, 2ª Semestre, 1999.

_____. “Por que estudar a história ambiental do Brasil? Ensaio temático. In: *Varia História*, Vol. 26, Janeiro de 2003.

DUARTE, Regina Horta. *História e natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

DURÃES, Alfredo. “Delta do Parnaíba: Capricho das Águas”. Brasília: *Correio Brasiliense*. Caderno Lugares, 22.09.2004.

DURSCHMIED, Erik. *Como a Natureza mudou a História* Tradução Mário Vilela. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.

FEBVRE, Lucien. *O Reno: história, mitos e realidades*. Trad. Eliana Aguiar . Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 2000.

_____. *A terra e a evolução humana: introdução geográfica à história*. Lisboa: Edições Cosmos, 1991.

- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 5ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio; Recife, Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco., 1985.
- _____. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- FREITAS, Inês Aguiar de. História Ambiental e Geografia. *Anais no XX Encontro Nacional de Geógrafos*. João Pessoa: 2002.a
- _____. História Ambiental e Geografia na obra de Alberto Lamego. *Anais no XX Encontro Nacional de Geógrafos*. João Pessoa: 2002.b
- _____. A Geografia na construção de uma História Ambiental brasileira. *Boletim Goiano de Geografia*, Vol.22, n. 2, Jul/Dez 2002.c.
- GAMEIRO, Alvina. *A vela e o Temporal*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1957.
- GANDARA, Gercinair Silvério. *URUAÇU... Cidade-Beira, Cidade-Fronteira*. Goiânia, Ed. Mestrado em História, 2004.
- _____. *Rio Parnaíba*. Cidades Beira (1850 -1950). Brasília: UnB, 2008. Tese Doutorado.
- _____. *Rio Parnaíba: velho monge entre a história e a imagem*. rev. Fragmentos de Cultura. V.1, n. 1 (1991) Goiânia: IFITEG, 1991.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Ed. Contexto, 1998.
- GUIMARÃES, Humberto. *Nas Pegadas do Rio*. 2ª ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.
- HESSE, Hermann. *Literatura Estrangeira*. São Paulo: Flanarte Livros, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. 3ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1994
- ISNARD, Hilbert. *O Espaço Geográfico*. Coimbra: Almedina, 1982.
- JACOBI Pedro Roberto (org.). *Ciência Ambiental: os desafios da interdisciplinaridade*. São Paulo: Annablume, FaPesp, 2000
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e o brejo*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1946.
- LA BLACHE, Vidal de P. *Princípios de Geografia Humana* Lisboa: Cosmos, 1954.
- LEMOES, Carlos A. C.. *O Que é Patrimônio Histórico*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- LEONARDI, Victor Paes de Barros. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na*

Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15 Editores, 1999.

_____. Rio de Histórias In Prefácio, *RIO SEM HISTÓRIA?* Leituras sobre o rio São Francisco. Aracaju: FAPESE, 2005

LEONEL, M. *A morte social dos rios*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MAGRIS, Cláudio. *Danúbio*. Trad. Elena GreGrechi e Jussara de F. M. Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

MORAES, Adolfo Martins de. Rio Parnaíba, um rio em busca de norte. *Carta CEPRO*. Teresina v. 18, n.11 Nov 2000, p.07-35.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

NETO, Adrião et all. (orgs) *A Poesia Parnaibana*. Teresina: FUNDEC/COMEPI, 2001.

SANTOS, Pádua. A Carnúba. In: Adrião Neto et all. (orgs). *A Poesia Parnaibana*. Teresina: FUNDEC/COMEPI, 2001.

PANKOW, Gisela. *O Homem e seu Espaço Vivido*. Campinas: Papirus, 1988.

PRADO JR Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1981; Pub. Folha, 2000.

_____. *Historia Econômica do Brasil*. 14 ed. São Paulo. Brasiliense, 1971 e 2000.

PRIORE, Mary Del e GOMES, Flávio (org.s). *Os Senhores dos Rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

PORTO, Carlos Eugênio. *Roteiro do Piauí*. Rio de Janeiro. MEC. Serv. Doc., 1955.

RIBEIRO, Costa Wagner (org). *Patrimônio Ambiental Brasileiro*. São Paulo, Edusp, 2003.

SHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. História das Paisagens. In: *Domínios da História*. Ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SPIX E MARTIUS. *Viagem pelo Brasil (1817 -1820)*. TOMO II Vol II. 3ªed. Trad. Lucia Furquim Lahmeyer e Basílio de Magalhães. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

SOFFIATI, Arthur. *O Nativo e o exótico: perspectivas para a história ambiental na ecorregião Norte - Noroeste fluminense entre os séculos XVII e XX*. Rio de Janeiro, IFCS/ UFRJ, 1996.

SOFFIATI, Arthur. *A Ausência da Natureza nos Livros Didáticos de História*. In: Revista

Brasileira de História. São Paulo, v. 9 n° 19, setembro de 1989 a fevereiro de 1990.

TOCANTINS, Leandro. *O rio comanda a vida* – uma interpretação da Amazônia. 9ª. Ed. rev, Manaus: Valer / Edições do Governo do Estado AM, (1952) 2000.

TURNER, Frederick. *O Espírito Ocidental contra a Natureza*. Mito, História e Terras selvagens. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. Tradução José Augusto Drummond. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991.

WORSTER, Donald. *Transformações da Terra*. Para uma Perspectiva Agroecológica na História. Ambiente e Sociedade. V.5, n.2 . Campinas, 2003.

RESUMO: O rio Parnaíba é o traço mais expressivo da paisagem parnaibana. Em seu caráter ambivalente, ao mesmo tempo limite e caminho, é um agente unificador. É caminho e berço. Um ponto de referência gigantesco. Um atrativo, uma trilha da sorte, da fortuna e da vida. O ponto de reunião de indivíduos, do comércio, dos objetos materiais e imateriais. É o lugar dos encontros e dos desencontros. Ele representou/representa o renascer para uma nova vida. Como elemento natural foi/é determinante na paisagem do vale. Como caminho/estrada marcou/marca a vida das pessoas, das coisas e do lugar. Entender sua história como espaço social e ambiental exige conhecer, recuperar e preservar a sua geograficidade, seus contornos, o vale, a bacia, o rio.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Parnaíba, Paisagem, Estrada, Espaço Vivido, História Ambiental.

ABSTRACT: Le fleuve Parnaíba est le plus expressif du paysage parnaibana. Ambivalentes dans son caractère, alors que la limite et la route est un agent d'unification. Nous suivons et des lits. Un grand point de référence. Un beau, un sentier de chance, de fortune et de la vie. Le point de rencontre des individus, des échanges d'objets matériels et immatériels. Elle est le lieu de rencontres et de rencontres. Il a été/est la renaissance d'une vie nouvelle. Comme élément naturel elle a été/est essentielle dans le paysage de la vallée. En chemin/route marqué/marque la vie des gens, des choses et l'endroit. Comprendre leur histoire en tant que sociaux et environnementaux exige, de récupérer et de préserver sa géographie, ses contours, la vallée, le bassin, le fleuve.

